

Processos de desfocalização/desativação de referentes e introdução de novos referentes na atividade de produção textual

Heliud Luis Maia Moura

Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA), Santarém, Pará, Brasil

heliudlmm@yahoo.com.br

<https://orcid.org/0000-0003-3259-6614>

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v47i3.1934>

Resumo

O objetivo deste trabalho é estudar processos de desfocalização/desativação de referentes e introdução de novos referentes em narrativas amazônicas. Tomo como referencial teórico as postulações de Goffman (1988), Koch (1999, 2002, 2004, 2008), Marcuschi (2005, 2007), Mondada (2005), Moura (2013) e Schwarz (2000), para os quais, os referentes introduzidos, num dado texto, são produtos de diferentes estratégias referenciais. A desfocalização/desativação ocorre quando um novo objeto-de-discurso é introduzido, mas retirado temporariamente de foco. O *corpus* estudado consta de 17 narrativas, produzidas por Walcyr Monteiro. As narrativas tematizam sobre os personagens Boto, Cobra, Matintaperera e Curupira. As análises referendam o fato de que a desfocalização/desativação de referentes está engatilhada a processos sociocognitivos, atrelados aos contextos em que tais produções são construídas.

Palavras-chave: Linguística textual; processos referenciais; narrativas amazônicas.

Processes of desfocalization/desactivation of referents and introduction of new referents in the textual production activity

Abstract

The objective of this work is to study processes of desfocalization/desactivation of referents and introduction of new referents in amazonian narratives. I take as a theoretical reference the postulations of Goffman (1988), Koch (1999, 2002, 2004, 2008), Marcuschi (2005, 2007), Mondada (2005) Moura (2013) and Schwarz (2000), for which the references introduced in a given text are products of different referral strategies. The delocalization/inactivation occurs when a new speech-object is introduced, but temporarily withdrawn from focus. The corpus studied consists of seventeen narratives, produced by Walcyr Monteiro. The narratives theme about the characters Boto, Cobra, Matintaperera and Curupira. The analyses countersign to the fact that the desfocalization/desactivation of referents is linked to socio-cognitive processes, linked to the contexts in which such productions are constructed.

Keywords: Textual linguistics; referral processes; amazonian narratives.

Introdução

O objetivo deste trabalho é estudar processos de desfocalização/desativação de referentes e introdução de novos referentes em narrativas amazônicas. O referencial teórico, que embasa esta produção, fundamenta-se nas postulações de Koch (1999, 2002, 2004, 2008), Marcuschi (2005, 2007), Schwarz (2000) e Mondada (2005). De acordo com esses autores, nos quais se fundamenta Moura (2013), os referentes introduzidos, num determinado texto, são produtos de um conjunto de outras estratégias referenciais, cujo objetivo centra-se na perspectivação de um referente, por exemplo, Cobra, considerando que este pode ser: (i) não anunciado; (ii) já anunciado no título da narrativa, mas desfocado no transcurso temático do texto, com o fim de obtenção de um maior efeito de estranhamento; (iii) anunciado indiretamente, podendo ser inferido por meio de elementos indiciadores. Por conseguinte, o novo referente que é inserido no curso da narrativa, como é o caso das histórias aqui estudadas, pode ser reconstruído ou recategorizado, e pode ser também retirado temporariamente de foco, voltando finalmente a atuar no texto, já que se institui como nodal para a construção deste.

Nos textos, sob análise, segundo Moura (*idem*), o referente que é introduzido passa a fixar-se como elemento temático lexicalizado nas porções subsequentes do texto, operando tanto por repetição lexical como por pronomes ou elipses destes. Essa fixação, *a posteriori*, do referente perspectivado, vem acompanhada de um conjunto de eventos e sentidos que dão maior estabilização e clareza a esse referente, os quais se consorciavam com práticas simbólicas e culturais postas em ação pelo escritor no ato da produção textual. Em termos de progressão referencial, Koch (2004) postula que a desfocalização/desativação ocorre quando um novo objeto-de-discurso é introduzido, passando a uma posição focal. Este objeto, quando retirado de foco, permanece em estado de ativação parcial, podendo retornar à posição focal a qualquer instante, ou seja, ele continua disponível, sociocognitivamente, para reconstrução (i)mediata na memória dos interlocutores.

Bases teóricas

Em termos de progressão referencial, veja-se o que nos propõe Koch (2004, p. 62) acerca dos princípios ou estratégias de referenciação:

Construção/ativação¹: pela qual um “objeto” textual até então não mencionado é introduzido, passando a preencher um nódulo (“endereço” cognitivo, locação) na rede conceitual do modelo de mundo textual: a expressão lingüística que o representa é posta em foco na memória de trabalho, de tal forma que esse “objeto” fica saliente no modelo. Reconstrução/reativação: um nódulo já presente na memória discursiva é reintroduzido na memória operacional, por meio de uma forma referencial, de modo que o objeto-de-discurso permanece saliente (o nódulo continua em foco). Desfocalização/desativação: ocorre quando um novo objeto-de-discurso é introduzido, passando a ocupar a posição focal. O objeto retirado do foco, contudo, permanece em

¹ Observa-se que, na narrativa 5, o referente Matinta Perera é ativado e, conseqüentemente, introduzido no texto já no quarto parágrafo, passando a ocupar uma posição focal no processo de construção da atividade textual, já que constitui o objeto central na construção do tópico discursivo aí mobilizado.

estado de ativação parcial (*stand by*), podendo voltar à posição focal a qualquer momento; ou seja, ele continua disponível para utilização imediata na memória dos interlocutores. Cabe lembrar, porém, que muitos problemas de ambigüidade referencial são devidos a instruções pouco claras sobre com qual dos objetos-de-discurso presentes na memória a relação deverá ser estabelecida.

Os três princípios postulados pela autora constituem operações sociocognitivas basilares pelas quais é possível entender o funcionamento de outros princípios ou subestratégias concernentes aos processos referenciais, entendendo-se que estes são complexos e variáveis, dependentes, sobretudo, de fatores contextuais, pragmáticos ou interacionais atuantes na tarefa de produção dos textos. Mas se formos um pouco mais adiante no entendimento de tais processos, podemos postular que eles encampam um conjunto variado de instrumentos referenciais, coadunados com itens sociocognitivos envolvidos na construção do modelo textual. Este, embora não fixo e estável, pode apontar para alguns elementos recorrentes, suscetíveis de integrá-lo.

Koch (2004) trata da existência de formas de introdução (ativação) de referentes no modelo textual. Para ela, são dois os tipos de processos envolvidos nessa introdução/ativação²: (i) a introdução não-ancorada – aquela em que um objeto-de-discurso totalmente novo é inserido no texto, passando a localizar-se no “endereço cognitivo” contido na memória do interlocutor. Ao ser representado por uma expressão nominal, esse tipo de introdução implementa uma categorização do referente; (ii) a “ativação” ancorada – quando um novo objeto-de-discurso é introduzido, sob a forma de algo dado, em razão de algum tipo de conexão com elementos situados no cotexto ou no contexto sociocognitivo, podendo ser estabelecida por mecanismos associativos e/ou inferenciais. Figuram entre esses casos as anáforas associativas e as anáforas indiretas.

Os tipos de processos, acima colocados, podem ser compreendidos também como macroestruturas sociocognitivas por meio das quais podemos entender subestruturas mobilizadas ou atuantes nas atividades referenciais, com diferenciações resultantes do estatuto semântico-discursivo específico a formas ou expressões pertencentes a essas subestruturas.

Assim, no âmbito dessas subestruturas ou subprocessos, estão as anáforas associativas e as anáforas indiretas³. As primeiras, conforme Koch (2008), consistem de

² É o que acontece com o objeto de-discurso Bôta, na narrativa 1, que passa a ser ativado/introduzido já no último parágrafo do texto, passando a localizar-se no “endereço cognitivo” subjacente à memória discursiva do interlocutor, conforme postulado por Koch (2004), na citação acima.

³ No contexto deste trabalho, as anáforas associativas dizem respeito a elementos do mesmo campo semântico-discursivo por meio do qual um determinado referente é construído, é o caso do referente Matintaperera que, em termos deste campo semântico, constrói-se por meio de uma configuração discursiva ligada a assombração e a processos metamórficos, tendo sua construção na figura de uma mulher idosa, que pode se transformar em animais e que assobia à noite assustando as pessoas. No caso das anáforas indiretas, conforme postulado por Marcuschi (2005) e Schwarz (2000), a interpretação do referente é dependente de um contexto sociodiscursivo mais amplo, no qual as expressões indefinidas e pronominais se acham na dependência de interpretação em relação a certas expressões ou informações presentes na estrutura textual anterior ou posterior, estando, muitas vezes, na dependência de fatores contextual-culturais maiores. É o caso do referente Boto, para o qual concorrem referenciações ligadas às suas diferentes formas de construção, dentre as quais: a de um belo rapaz, vestido de branco, que vai à festa e seduz as juvenzinhas desavisadas.

configurações discursivas em que se tem um elemento anafórico sem antecedente literal explícito e, portanto, não atrelado morfossintaticamente a um SN precedente, mas cuja ocorrência implica um *detonatum* implícito, que é reconstruído por um mecanismo de inferência a partir do cotexto anterior. Já as segundas, de acordo com Marcuschi (2005) e Schwarz (2000), referem-se a expressões definidas, como também a expressões indefinidas e pronominais que se acham na dependência de interpretação em relação a determinadas expressões ou informações constantes da estrutura textual anterior ou posterior e que possuem duas funções referenciais textuais: a inserção de novos referentes – até então não nomeados diretamente – e a continuidade da relação referencial mais global.

Dando amplitude ao que discuti, anteriormente, mais precisamente no que concerne à utilização de estratégias referenciais que atuam na construção de determinados textos, observe-se o que diz Mondada (2005, p. 12) em relação a essa perspectiva:

A análise dos recursos formais mobilizados nas atividades referenciais depende largamente das opções esboçadas: as escolhas formais podem ser concebidas como reflexos das propriedades do referente, ou, então, como manifestação de estados mentais; ou, ainda, como a exploração de recursos para o estabelecimento de um acordo subjetivo ou de um alinhamento, tornando, assim, pertinente, visível e presente um referente que é tratado não como um objeto do mundo, mas como um objeto-de-discurso.

Tomando como pressuposto os dizeres da autora, instituo como válido afirmar que os recursos formais empreendidos nas atividades referenciais são possivelmente também tributários da absorção de estruturas cognitivas inerentes a certos textos, as quais passam a ser reconstituídas/reconstruídas pelo produtor de um determinado texto na atividade de elaboração deste. Embora isso não possa se estabelecer como um fator determinante, é provável que atue como elemento coadjuvante na tarefa de produção de textos que possuem uma espécie de identidade e/ou similaridade quando da utilização de recursos de natureza linguístico-discursiva, com recorrência de certas estruturas formais e em que estratégias ligadas à referenciação passam a atuar com mais propriedade e/ou consistência.

Por conseguinte, elementos constituintes da estrutura de determinados textos, como os analisados neste trabalho, podem ensejar a presença de alguns tipos de recursos referenciais, construindo uma espécie de perfil destes. Mas, por outro âmbito, a construção desse mesmo perfil pode estar também associada à própria temática veiculada por tais produções, com a mobilização de sentidos que, direta ou indiretamente, podem restringir e/ou delimitar a forma de gerenciamento de elementos textuais-discursivos ligados a processos referenciais. É nesse sentido que postulo a favor de características específicas quando da análise dos textos das narrativas aqui estudadas, o que se dá não só em razão do estilo do autor dessas histórias, mas também em detrimento do fato de que estas comportam características semântico-discursivas particulares; nesse caso, associadas a temáticas e/ou sentidos inscritos na tradição lendária amazônica. Por essa perspectiva, é possível afirmar que os processos referenciais não emanam dos próprios textos, mas estão insustentavelmente engatilhados em estruturas cognitivo-culturais de referência, as quais passam a interferir

nos processos de construção desses textos, que aí adquirem uma significação coadunada com as práticas em circulação em um dado contexto.

Assim, na relação entre referenciação e cognição e, nesse bojo, entre referenciação e processos/estratégias referenciais, postulo que as atividades referenciadoras são fruto das diversas formas de ação que estabelecemos com o mundo biossocial e cultural. Nessas ações, que são linguísticas, atribuímos sentido aos fatos, eventos, situações, coisas, seres de um modo geral e às interações entre pessoas e instituições, para os quais, os atos de referenciar são essenciais e nucleares, pois com estes essas atribuições de sentido estão sendo sempre reconstruídas, reelaboradas, suprimidas, estendidas, refeitas, reativadas, desativadas, coadunando-se aos nossos propósitos sociointeracionais em seus mais diferentes níveis e instâncias. Por outro lado, os contextos social e cultural de produção das atividades linguístico-textuais podem influenciar ou exercer certas restrições no modo como uma classe de textos é produzida, particularmente quanto à presença de estruturas que contêm o uso de formas referenciais. Indo um pouco mais além, no âmbito das concepções teóricas acerca dos processos referenciais, observemos o que nos propõe ainda Marcuschi (2007, p. 80):

Defendo a tese geral de que não são os fatos que produzem as significações presentes em nossas compreensões e sim as nossas compreensões que fundam e constroem as significações que atribuímos aos fatos. Na realidade, isso significa que não há um *a priori* nem um centro regulador da significação, mas ela é produto de interações sociais no interior da cultura e da história. Daí ser o próprio conhecimento um projeto cultural e não um dado natural ou um fruto de relações de correspondência sujeito-objeto. O melhor é pensar em termos de sujeito-objeto-sujeito: duas subjetividades criando uma realidade intercomunicável. Sentidos são bens humanos e não fenômenos naturais.

Alicerçando-me nas postulações de Marcuschi e de outros teóricos, aqui apresentados, proponho que os significados sociais e culturais embutidos nos artefatos simbólicos, como narrativas e contos populares, expressam estratégias referenciais coadunadas com práticas linguísticas situadas, que, por seu turno, manifestam valores particulares de certas comunidades. Logo, aspectos da cognição cultural podem influir no processo de produção desses artefatos, viabilizando estratégias sociocognitivas associadas a procedimentos linguístico-discursivos específicos, importantes para a execução dos objetivos interacionais desses grupos culturais.

Tendo em conta as noções de *frame* social e *frame* cultural, conceituo, aqui, os dois, com base nas postulações de Goffman (1988), propondo que os *frames* sociais consistem num conjunto de estruturas conceituais que regram as ações dos sujeitos nos contextos em que atuam e transitam, considerando que esses contextos possuem elementos reguladores que norteiam os sentidos incorporados por essas ações. Proponho, por seu turno, que os *frames* culturais residem em estruturas conceitual-valorativas que “justificam” as maneiras através das quais um grupo cultural interage entre si e com outros grupos. Nessas estruturas, estão incluídas regras de comportamento/ação e de compreensão dos valores que norteiam as atividades desse grupo.

Mediante o exposto, é preciso dizer que as atividades de construção da referência, entendendo-as, aqui, como detentoras de processos complexos e multivariados, implicam a existência de indefinidas formas de gerenciamento do sentido quando da reconstituição de outros sentidos. Tais sentidos são reatualizados pelo “movimento” dinâmico das interações sociais e culturais, que se apresentam sempre emergenciadas e imprevisibilizadas pelos contextos nos quais atuam e como consequentes destes, com maior ou menor controle e “descontrole” das diferentes significações no transcurso da produção das atividades textuais.

Procedimentos metodológicos

Levando em conta o meu interesse relativo à referência cultural amazônica, fiz a escolha do *corpus* desta tese: 13 (treze) números da revista *Visagens, Assombrações e Encantamentos da Amazônia*, de autoria do escritor paraense Walcyr Monteiro. Estes números foram escritos entre os anos de 1997 e 2004 e versam sobre diferentes histórias de Boto; outras têm como tema a Cobra; algumas falam sobre Matintaperera, uma parte tematiza o Curupira e uma boa quantidade se refere a assombrações e visagens propriamente ditas. Das 65 (sessenta e cinco) narrativas cotadas, inicialmente, para este estudo, restringi-me a estudar 25 (vinte e cinco). Deste total, 17 (dezessete) referem-se a entidades como Boto, Cobra, Matintaperera e Curupira, o que vem a corresponder a 68% da totalidade acima expressa, e 08 (oito) são relativas a assombrações e visagens, correspondendo a 32% da mesma totalidade. No entanto, por entender que as histórias de assombrações e visagens destoavam, principalmente no que diz respeito às suas várias temáticas, das narrativas de Boto, Cobra, Matintaperera e Curupira, já que estas últimas tratam de temáticas referentes a personagens lendários típicos e que são bastante recorrentes no universo amazônico, resolvi delimitar ainda mais o *corpus*, ficando este restrito às 17 (dezessete) histórias das entidades lendárias supracitadas. Destas, 04 (quatro) são de Boto, 05 (cinco) de Cobra, 05 (cinco) referem-se à Matintaperera e 03 (três) são relativas ao Curupira.

Os 5 (cinco) trechos, em análise, são exemplificativos do fenômeno referencial ligado a processos de desfocalização/desativação de referentes e introdução de novos referentes nos textos das narrativas sob análise, as quais, como já anunciado, são em número de 17 (dezessete) e referem-se às entidades Boto, Cobra, Matintaperera Curupira. Cumpre esclarecer que são analisados os textos integrais das citadas narrativas, no entanto, por questões de tempo e espaço, exemplifico, neste artigo, o mencionado fenômeno com 5 (cinco) excertos, os quais considero como mais representativos do fenômeno em questão. Vale ainda ressaltar que o estudo foi feito nas 17 (dezessete) histórias e as generalizações realizadas, a partir dos exemplos, recobrem todo o *corpus* analisado, podendo também ser estendido a outras narrativas referentes às entidades lendárias em apreciação.

Cumpre esclarecer, também, que as páginas relativas aos trechos em análise constam das Referências, sendo desnecessário mencioná-las no início de cada análise ou mesmo na tabela. Esclareço, ainda, que os 13 (treze) números da revista *Visagens e Assombrações e Encantamentos da Amazônia* contêm diferentes narrativas, as que versam sobre as entidades supracitadas e as que tematizam, especificamente, acerca de

assombrações e visagens. Detenho-me, no entanto, nas primeiras, como já referido anteriormente.

Análise das estratégias de desfocalização/desativação

Mediante as observações feitas no *corpus*, detectei a presença de desfocalização/desativação de referentes no transcurso da cadeia textual. Essas estratégias têm a função de promover a introdução de um novo objeto-de-discurso que, segundo as concepções teóricas veiculadas neste trabalho, passa a ter uma posição focal na sequenciação tópica. Por outro âmbito, esse novo objeto-de-discurso, colocado em destaque, opera uma espécie de rompimento ou estranhamento no contínuo referencial, mas sua “saliência” vai concretizar mais plenamente a proposta de sentido do sujeito da ação verbal (Cf. KOCH, 1999, 2002).

As narrativas em estudo, relativas a Boto, Cobra, Matintaperera e Curupira, contêm estratégias nas quais há um corte ou mudança no(s) referente(s) que está(ão) sendo implementado(s), muitas vezes por recursos catafóricos, para a manifestação posterior de um novo referente que, nessa altura da progressão textual, adquire uma posição mais relevante na construção do enredo ou se constitui como essencial para a sua própria efetivação em termos interacionais.

Nos textos sob análise, o referente que é introduzido passa a fixar-se como elemento temático lexicalizado nas porções subsequentes do texto, operando tanto por repetição lexical como por pronomes ou elipses destes. Essa fixação, *a posteriori*, do referente perspectivado vem acompanhada de um conjunto de eventos e sentidos que dão maior estabilização e clareza a esse referente, os quais se consorciam com as práticas simbólicas e culturais postas em ação pelo escritor no ato da produção textual.

Analiso 5 (cinco) exemplos relativos ao fenômeno em estudo, nos quais a desfocalização/desativação de referentes e introdução de novos referentes constituem processos de construção da referência, a partir do que a progressão temático-textual se estabelece.

No exemplo 1 (um), constante numa narrativa de Boto, intitulada *Uma mulher muito Bonita*, este referente vai sendo construído progressivamente, no entanto, nos parágrafos iniciais da narrativa, é colocado sob diferentes categorizações, até, finalmente, ser desvelado por meio da expressão *era uma Bôta*, adquirindo, aí, uma conotação simbólica específica coadunada com o projeto de dizer do produtor textual.

Observe-se o exemplo 1:

(01) [...] E ali estava. Benevenuto ficou com medo, muito medo. Ele, Benevenuto, mulherengo e com *medo de mulher*. Podia um negócio deste? Mas estava. A *mulher* avançando, ele recuando, até que *ela* tentou agarrá-lo... Benevenuto sempre usava um pequeno facão no fundo do barco e que naquele instante estava em suas mãos. Com o medo que estava, não pensou duas vezes: passou o facão na *cintura da mulher*, que caiu na beira da praia, próximo ao barco, *morta...!*

Benevenuto saiu correndo dali. Contou para os outros o que tinha acontecido. Mas só voltaram lá no dia seguinte. E o que viram? Na praia, no local mencionado em que Benevenuto disse que matara *a mulher*, estava *um corpo morto*, sim! Só que não era *da mulher loura*: era de *uma Bôta*, cortada bem no meio, à altura daquilo que seria a *cintura de uma mulher...*

Daquele dia em diante, concluiu Brígida, nunca mais meu avô Benevenuto duvidou das histórias de *Botos*, *Bôtas* e outros encantados da Amazônia... (MONTEIRO, 2000c, p. 20).

Como se pode ver no excerto 1, a atividade referencial é conduzida pela presença de um objeto-de-discurso que vai se recolocando na cadeia frástica do primeiro parágrafo por meio das expressões ou formas: *medo de mulher*; *a mulher*; *ela*; *cintura da mulher*; *morta*, operando, nesse caso, tanto por expressões que repetem o elemento mulher como por pronome e anáfora associativa. No segundo parágrafo, temos as expressões nominais *a mulher*, *um corpo morto* e *mulher loura*, que recuperam ou reeditam o referente inicialmente introduzido e, ao mesmo tempo, constituem artifícios textual-narrativos para a inserção do referente novo *uma Bôta*. Este último, dado o caráter do tipo de história que está sendo construída, apresenta-se como central para a elaboração do enredo. Assim, em termos de progressão tópica, os elementos que compõem o referente antecedente – e que se concretizam por meio de uma sequência referencial prefiguradora do referente novo a ser posto – constituem recursos textuais essenciais a uma narrativa cuja natureza se volta para a reconstrução ou reconto de histórias de entidades afiliadas ao lendário, como as aqui analisadas. Essa estratégia textual vai estar presente nos demais excertos analisados neste trabalho.

No exemplo 2 (dois), também retirado de uma narrativa de Boto, intitulada *Uma namorada e dois irmãos*, o referente em questão assume, em grande parte da narrativa, uma dada nomeação categorial, aí lexicalizada, pela forma *mulher*, o que implica uma desfocalização do referente principal a ser desvelado nas partes finais da narrativa, que passa a apresentar-se, então, pelo elemento categorial *Bôta*, o qual é introduzido no texto, sendo, posteriormente, retirado de foco e, por fim, reintroduzido pela expressão nominal *uma Bôta*.

Observe-se o exemplo 2:

(2) [...] Chamou os filhos para uma conversa séria, dizendo que *aquela mulher* não deveria ser *uma mulher comum*, *uma mulher qualquer*, que ali tinha coisa, que *aquela mulher* os estava encantando e que não deveriam mais comer da comida que *ela* levava, pois eles iam cada vez mais ficar interessados por ela e que ela ia acabar levando-os, sabe Deus para onde!

Mas Jorge e Júnior não deram atenção às palavras do pai, que aumentou a vigilância, pois sabia que, se os deixasse sozinhos à noite com *ela*, *ela* os levaria...

Então, quando dava uma certa hora, ele chamava os filhos e segurava-os, não os largando de jeito nenhum. A *mulher* ia embora muito aborrecida, mas *continuava indo* toda noite, só esperando uma oportunidade de ficar só com os dois...

A vida havia se tornado um inferno para o pai, que se via obrigado àquela vigília forçada todas as noites e todas as horas, pois, durante o dia, era a vontade de se banharem no rio...

Até que resolveu pôr termo àquela situação e livrar os filhos de uma vez por todas. E falou consigo mesmo:

- É, eu vou matar esta *Bôta*, antes que ela leve meus filhos.

Já não tinha dúvidas: com certeza que se tratava mesmo de uma *Bôta*.

Cismou que *ela* ia levá-los no dia seguinte. E antes que ela se dirigisse para a casa deles, foi *esperá-la* perto do trapiche.

Realmente *ela* veio. Ele estava escondido atrás de uma touceira de açazeiros. Quando *ela* se aproximou, ele saiu e, com um revólver, atirou à queima-roupa em cima do peito da mulher, que caiu morta na praia.

Jorge e Júnior, ao darem falta do pai em casa, tinham saído atrás dele. E viram tudo. Quando a mulher caiu, os dois foram pra cima dela chorando muito, abraçando e beijando o cadáver.

Aí o pai falou:

- Meus filhos, não chorem por causa *desta mulher* que ela não é gente igual a nós. Ela é uma *Bôta...* [...]. (MONTEIRO, 2000d, p. 16-17).

No trecho 2, mais precisamente na primeira parte, a cadeia de elementos que compõem o referente em curso é constituída primeiramente de expressões nominais definidas e indefinidas como: *aquela mulher*; *uma mulher comum*; *uma mulher qualquer*, passa por um contínuo de pronominalizações, redefine-se na expressão *a mulher* e por uma elipse contida na forma verbal *continuava indo* até à introdução do referente novo *esta Bôta*, observando-se, aí, uma quebra nos significados veiculados pelo referente anterior e uma definição semântica quanto ao que foi perspectivado e inferido nas sequências textuais precedentes ao processo de inserção de um elemento novo no discurso. Este elemento é retomado, logo a seguir, pelo pronome *ela* e pela expressão indefinida correferencial *uma Bôta*, a qual, na segunda parte do trecho em análise, passa a ser referida por uma sequência pronominal, sendo ainda mais adiante recuperada na forma meronímica – *peito da mulher* – que reintroduz o referente *mulher*, e pela forma adjetiva *morta*. Daí em diante, estas expressões referenciadoras são reatualizadas por meio das formas definidas *a mulher* e o *cadáver* (anáfora indireta). Por fim, temos a recolocação do referente *esta mulher*, que é retomado pelas formas *ela* e *gente*, observando-se, por último, a volta do elemento *Bôta*, que passa a ocupar a posição focal na cadeia referencial por meio da expressão *Ela é uma Bôta*. Este referente, temporariamente retirado de foco, constitui-se como o mais relevante na sequenciação temática do texto em análise.

No exemplo 3 (três), retirado de uma narrativa de Cobra, intitulada *O mergulho*, o referente em questão, no início da narrativa, é colocado em posição *stand by*, mas adquire uma estabilidade no decorrer da atividade tópica. Consociada por diferentes formas no decurso do processo narrativo, passa a adquirir uma estabilidade no decorrer da atividade tópica, consoante os propósitos comunicativos do narrador textual.

Observe-se o exemplo 3:

(3) [...] Às sete horas, a avó de Telma, portanto, mãe de Severino, resolveu ir atrás e foi à casa de Canhoto, um dos amigos, que contou o que se passara, afirmando que depois daquele mergulho não viram mais Severino, razão por que pensaram que ele estivesse se escondido.

A mãe ficou desesperada e convidou várias pessoas para procurar. E mesmo de noite, iniciaram a busca no trapiche, na beira e nada encontraram. Só quase 11 horas da noite é que foi encontrado pelo seu Bebê Chorão, um senhor lá de Melgaço. Severino estava todo molhado e liso, liso, liso, todo enrolado, parecendo uma cobra...

Quando foram segurá-lo, não conseguiram. Apesar de ter só 10 anos, parecia ter uma força descomunal e tentava voltar para dentro d'água. Distribuía socos e ponta-pés e, liso como estava, se tornava muito difícil segurá-lo, tanto que cinco homens não conseguiram. Aí começaram a rezar, a rezar, a rezar e só com muita reza, com muitas orações é que conseguiram finalmente tirar Severino da beira do rio e levá-lo para casa.

Severino não falava. E mudo ficou durante oito dias e oito noites, período em que não comeu nada e nem mesmo bebeu água...

Depois deste tempo, quando voltou a falar, contou para a mãe que, ao mergulhar, encontrou uma cobra encantada, que não sabia se era *homem* ou *mulher*. A cobra levou-o para uma cidade no fundo do rio, cidade esta que também era encantada. Em tudo parecia com as cidades da superfície, com uma só diferença: os *seus habitantes* eram *todos cobras, cobras encantadas*...

A *cobra* que levou Severino convidou-o para ficar. Convite recusado, insistiu prometendo muitas coisas: casa, riqueza, o que Severino quisesse. Novamente a recusa. Aproveitando que Severino estava com fome, a *cobra* disse que lhe daria de comer, mas se ele comesse daquela comida, não mais retornaria à superfície, ficando ali para sempre. Voltar, só se ele não comesse nada. Severino controlou-se para não comer. E não se lembrava de mais nada, até ser encontrado na beira do rio... [...]. (MONTEIRO, 2000a, p. 12-13).

Assim, no que tange ao excerto 3, temos, inicialmente, a colocação do elemento *uma cobra encantada*, mas esse referente é desfocalizado rapidamente pela inserção dos referentes *homem* e *mulher*, sendo novamente introduzido por meio da expressão *a cobra*, que, daí em diante, passa a ocupar uma posição nuclear no contínuo tópico, reconstituindo-se por meio das seguintes formas: *os seus habitantes; todos cobras; cobras encantadas*, as quais têm a propriedade de promover uma evolução no referente novamente focalizado. Logo após este último procedimento, temos apenas a repetição do mencionado referente, que, agora, adquire uma espécie de estabilidade definicional dentro da atividade tópica. Portanto, mediante a estrutura de *frames* implementada pela ação discursiva e o modo como o produtor textual gerencia essa estrutura, o referente posto em curso adquire também uma singularidade específica, sem deixar de estar conectado ao contexto sociodiscursivo no qual é produzido.

No exemplo 4 (quatro), retirado de uma narrativa de *Cobra*, intitulada *O encantado do Rio da Pedreira*, o referente assume diferentes configurações categoriais, sendo apresentado, no curso da atividade tópica, sob diferentes formas, o que implica uma desfocalização/desativação deste em seu trânsito no processo de construção do texto, para apresentar-se, novamente, pela forma *filho*, já colocada no início do texto, que passa a ser reativada, agora, na porção final da atividade narrativa.

Observe-se o exemplo 4:

(4) [...] Como de praxe, D. Tercília foi com os filhos, um menino e uma menina, lavar roupa no Rio da Pedreira, nos campos de Mirasselve. E lá ficou entretida em seu trabalho, enquanto os filhos brincavam. Completamente absorvida em sua faina, não reparou o que acontecia com o casal. Somente quando a menina gritou, chamando-a, é que D. Teca – como atende D. Tercília – virou-se e verificou que apenas a menina estava ali, o menino havia desaparecido. D. Teca inquiriu a menina.

- Onde está o teu irmão?

- A *mulher* levou ele...

- Que *mulher*? Que história é esta?

- Foi, mamãe... Nós estava brincando e banhando rio mais abaixo, pra não atrapalhar seu trabalho, quando surgiu uma *mulher* no rio e chamou a gente! Eu não fui, mas sabe como é o mano, né? Ele foi... *Ela* me chamou também, mas eu fiquei com medo... Não sei por que, mas fiquei com medo... *Ela* era bonita e estava rindo...

- Mas que negócio é este? Que *mulher*? Não tem nenhuma *mulher* aqui...

- Mas já lhe disse... Ela apareceu no rio e chamou a gente. Ela era muito bonita e estava achando graça e nos chamava pra gente ir lá com ela...

- Ir lá onde, menina? perguntava D. Teca já se desesperando.

- Lá onde *ela* estava, no meio do rio... eu fiquei com medo... o mano foi e...
- E aí, o que aconteceu?
- Ele deu a mão para ela e os dois sumiram no rio...
- Não é possível, não é possível.

D. Teca saiu procurando o *menino* rio acima e rio abaixo e nada. Procurou na mata próxima e não encontrou *seu filho*. Correu à sua casa, avisou os vizinhos e foram todos ao local, onde realizaram uma grande busca... e igualmente nada.

Depois de vários dias de procura sem resultado, aconselhada por amigos e vizinhos, D. Teca resolveu procurar o pajé do local.

Em lá chegando, após contar o caso, D. Teca viu o pajé concentrar-se e, em seguida, com voz grave, dizer-lhe: - *Seu filho* está encantado no fundo do rio. *A mãe do rio se agradou dele e encantou ele*.

- E o que devo fazer? perguntou, nervosa, D. Teca.
- A senhora não tem muita coisa a fazer, não... Entretanto, vai ter uma oportunidade para *seu filho* ser desencantado... Mas tem de ser feito como eu digo!
- Diga, diga o que devo fazer, que farei...

- Mas não é a senhora que tem de fazer. Olhe, se acalme e me ouça com atenção. Como já disse, o curumim foi encantado e agora vive no fundo do rio... Mas só quem pode desencantar ele é a madrinha. Ele vai aparecer encantado na forma de uma cobra, uma pequena cobra, na casa de vocês. A madrinha dele deve estar lá. Quando ver a cobra, deve jogar em cima dela o pano com que o *curumim* foi batizado. A cobra não vai se mexer. Então deve cortar o *rabo da cobra*. Se isto for feito tal como estou dizendo, o *seu filho* será desencantado! [...]. (MONTEIRO, 2000c, p. 15-17).

Desse modo, quanto ao excerto 4, sem me delongar *pari passu* nos diversos elementos e estratégias que compõem a cadeia referencial, é válido observar que temos, aí, duas situações nas quais referentes novos são inseridos: (i) relativa ao elemento definido *a mãe do rio*; (ii) relativa ao item *na forma de uma cobra*. Assim, na primeira situação, a sequência referencial vem estruturada pelo referente *mulher*, lexicalizado em formas definidas e indefinidas do tipo: *a mulher; uma mulher; nenhuma mulher*, por um pronome, no caso *ela*, e, ainda, por elipses deste mesmo pronome, os quais, dentro do quadro tópico, colaboram para a progressão temática e “preparam” o estabelecimento do que se constitui como novo no texto, a expressão: *a mãe do rio* – um tipo de referente que rompe crucialmente com o que até então vinha sendo ativado em termos de sentido.

Já na segunda situação, a sequência referencial vem inicialmente expressa pela forma definida *o menino*, que sofre alterações por meio de formas como *seu filho; ele; o curumim*. Há a introdução subsequente de um tipo de objeto-de-discurso que provoca um deslocamento no âmbito do quadro da referência até então posta em ação e que se acha concretizado, nesse co(n)texto, pelas expressões nominais *a forma de uma cobra; uma pequena cobra* e *a cobra*, mas que, dado o caráter da narrativa em análise, não se apresenta como incoerente ou inconsistente no que concerne à construção da atividade tópica. Entretanto, mais adiante, o referente *o curumim*, antes retirado de foco, volta a ser ativado e introduzido na cadeia textual, com a posterior recolocação também do elemento *a cobra* e da expressão meronímica *o rabo da cobra*, tendo-se, logo depois, a reconstituição do elemento temático posto inicialmente em foco: *o seu filho*.

Assim, dado o recurso acima explicitado, temos a alternância de dois referentes tópicos, ora com a introdução de um, ora com a de outro, a partir do que o processo narrativo é construído e o princípio da relevância adquire uma estabilidade em nível de construção do tópico.

No exemplo 5 (cinco), retirado de uma narrativa de Matintaperera, intitulada *A velha Belízia*, o referente principal assume diversas configurações categoriais, o que evidencia a instabilidade deste no transcurso da progressão tópica. Sendo reativado, consubstancia-se, por fim, como um referente, já perspectivado na memória discursiva do narrador textual, quando da introdução do processo narrativo, mesmo que, nesse momento inicial, não venha ainda expresso na superfície do texto.

Observe-se o exemplo 5:

- (5) [...] O tempo passou. Anos mais tarde eu me casei e lá um belo dia D. Belízia encontra minha mulher e pede uns galhos de hortelãzinho para fazer um chá, pois ela estava com dor de barriga. Minha mulher disse que nós não tínhamos. Pra quê? D. Belízia foi dizendo:

- O que que não tem? Ainda esta noite eu estive lá e vi que teu marido tem um canteiro cheio de hortelã e tu me dizendo que não tem.

Aí minha mulher disse: - Então, se é que tem, vá lá apanhar...

E D. Belízia saiu resmungando: - Ora, dizendo que não tem. Se esta noite eu estive lá...

Minha mulher quando chegou me contou. E aí eu disse pra ela que toda noite realmente eu ouvia a *Matinta Perera* assobiar no meu quintal. Pois era ela, a D. *Belízia*! Sim, senhor, era ela, a sem vergonha!

E DD continua dizendo que aquela *Matinta Perera* se transformava em vários bichos: podia ser *um porco, um cachorro, um cavalo, uma galinha cheia de pintos*. E quando duvidavam dela ou com ela mexiam, ela surrava as pessoas que apanhavam e não sabiam nem de onde era... Ela só se transformava em *galinha cheia de pinto* quando estava acuada... Pois aí as pessoas viam aquilo e não achavam que podia ser a *Matinta Perera*, mas era ela mesma! Ela fazia muitas maldades com as pessoas, malinava mesmo. Ano depois D. *Belízia* morreu. Dizem que deixou sua *herança de Matinta* para uma sobrinha... Eu não sei, porque logo depois eu me mudei... Mas dizem que a sobrinha continuou, pois que, nos anos que se seguiram, ouvia-se por aquelas redondezas ao chegar da noite:

- Firififíuu... Firififíuu... (MONTEIRO, 2000b, p. 17-19).

Conforme visto no excerto 5, mais especificamente nos trechos abaixo, verificamos estratégias de inserção de referentes relativos à(o) personagem Matintaperera. Observem-se os trechos:

- (5.1) Minha mulher quando chegou me contou. E aí eu disse pra ela que toda noite realmente eu ouvia a *Matinta Perera* assobiar no meu quintal. Pois era ela, a D. *Belízia*! Sim, senhor, era ela, a sem vergonha! (MONTEIRO, 2000b, p. 19).
- (5.2) [...] E DD continuou dizendo que aquela *Matinta Perera* se transformava em vários bichos: podia ser *um porco, um cachorro, um cavalo, uma galinha cheia de pintos*. E quando duvidavam dela ou com ela mexiam, ela surrava as pessoas que apanhavam e não sabiam nem de onde era... Ela só se transformava em *galinha cheia de pinto* quando estava acuada... Pois aí as pessoas viam aquilo e não achavam que podia ser a *Matinta Perera*, mas era ela mesma! (MONTEIRO, 2000b, p. 19).

Em 5.1, o referente *Matinta Perera*, já introduzido no texto como um todo, é desfocalizado, e, na sequência posterior, há a introdução de um outro referente – *a D. Belízia* – que tem a função de operar uma quebra na cadeia tópica. Como se pode observar no exemplo, o pronome *ela* atua como elemento introdutor do novo referente que, por sua vez, remete diretamente à expressão *a Matinta Perera*. Embora não haja, aí, uma equivalência categorial entre esses dois elementos, a expressão definida *a D. Belízia* reconstrói o referente *a Matinta Perera*, que se institui como primordial para o processo narrativo.

Em 5.2, o elemento introduzido *aquela Matinta Perera*, cuja sequência temática realiza-se na expressão *se transformava em vários bichos*, vem seguida por um conjunto de novos referentes, de diferentes estatutos categoriais, a saber: *um porco; um cachorro; um cavalo; uma galinha cheia de pintos*. Estes elementos constituem formas por meio das quais o referente introduzido é reatualizado, assumindo uma série de objetos-de-discurso e categorias, que são validadas pela natureza da atividade verbal empreendida, ou seja, aquela em que o personagem afiliado ao universo lendário, aí apresentado, assume várias facetas ou maneiras de se construir dentro de um dado universo sociodiscursivo.

Considerando os 05 (cinco) excertos analisados, é possível afirmar que as narrativas em estudo, relativas às 04 (quatro) personagens, envolvem, de modo característico, estratégias em que se pode detectar a presença de “quebras” ou rompimentos (parciais ou totais) com referentes nucleares já introduzidos no texto, os quais se constituem como essenciais para a construção do tópico discursivo. Nessa “quebra”, observam-se inserções de novos referentes também nodais, que, na maioria das vezes, são objetos-de-discurso atrelados aos artefatos culturais da sociedade em que foram produzidas as histórias sob investigação.

Assim, a desfocalização/desativação de um dado referente e introdução de um novo constituem, nas narrativas em estudo, uma estratégia de dinamização da atividade sociodiscursiva, para a qual colabora um conjunto variado de referentes, que passam a integrar a cadeia de relações em construção no quadro tópico que está sendo desenvolvido pelo produtor do texto. Portanto, a “retirada” de um referente e a inserção de um novo apresentam-se, nos textos sob análise, como formas de viabilização/progressão do processo narrativo. Nesse sentido, o “descarte” de certos elementos e a colocação de outros constituem recursos essenciais ao andamento e construção da ação verbal.

Temos, abaixo, a tabela de ocorrências de elementos relativos à desfocalização/desativação de referentes e introdução de novos:

Tabela 1: Estratégias de desfocalização/desativação de um referente e introdução de um novo

Narrativas referentes aos personagens lendários	Boto	Cobra	Matintaperera	Curupira	Total
Número de Narrativas	04	05	05	03	17
Ocorrências de introdução de elementos novos	20	66	64	13	163
Percentual (%)	12,27	40,49	39,26	7,98	100,00

Fonte: Autor do artigo, a partir de dados apresentados na revista *Visagens, Assombrações e Encantamentos da Amazônia*

Ao examinar os dados presentes na tabela, observamos um total de 163 ocorrências de elementos ligados à desfocalização/desativação de referentes, com uma média de 9,58 elementos por narrativa. Em termos percentuais, tivemos 40,49% desses elementos em narrativas de Cobra. Em seguida, o percentual mais elevado se deu nas narrativas de Matintaperera, com um índice de 39,26%. Temos, logo abaixo, as narrativas de Boto, com 12,27% e, finalmente, as de Curupira, que somaram 7,98%.

Considerações finais

As narrativas de Cobra apresentaram o percentual mais alto de estratégias dessa natureza, com um índice de 40,49% em relação ao total de narrativas estudadas, revelando a proeminência desse fenômeno enquanto um recurso textual-discursivo usado pelo autor no processo de produção dessas narrativas. Os fatores sociocognitivos relacionados ao conhecimento e construção do personagem Cobra podem influenciar sobremaneira no uso variado e constante de estratégias de desfocalização de referentes, especificamente no que tange ao personagem lendário em questão e aos eventos ou situações ligados a ele nos textos narrativos em análise. Em nível de incidência total, constatei uma média de 9,58% de elementos por narrativa, o que vem a referendar a importância dessa estratégia no âmbito da construção das histórias em pauta.

Com base nos dados apresentados, as narrativas de Cobra e de Matintaperera foram as que mais tiveram estratégias de desfocalização/desativação de um referente e introdução de um novo. Isto pode se dar em razão de uma certa instabilidade e diversidade no que tange ao processo de construção de referentes que compõem o conjunto de referências por meio do qual os objetos-de-discurso Cobra e Matintaperera são constituídos no decurso da atividade tópica. Estão incluídos, nesse processo, as várias formas pelas quais esses objetos-de-discurso são metamorfoseados ou transformados no curso da ação narrativa construída pelo autor. Logo, tendo em conta essa diversidade de processos metamórficos, esses objetos são temporariamente desfocalizados e/ou desativados, mas voltam a atuar na cadeia referencial e tópica, de modo a não se observar rupturas ou impropriedades relativas aos princípios da consistência e da relevância exigidos na atividade textual. Considerando, portanto, que no contexto do lendário amazônico os personagens Cobra e Matintaperera sofrem diferentes tipos de transformações categoriais no que diz respeito à sua construção

simbólica e cultural, é coerente afirmar que as desfocalizações/desativações observadas, nas narrativas concernentes a esses entes, apresentem-se como recursos referenciais característicos de tais produções, reafirmando as práticas culturais viabilizadas nos contextos dos quais emergem e em que circulam.

REFERÊNCIAS

GOFFMAN, E. *Estigma: notas sobre a manipulação de identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1988.

KOCH, I. G. V. *Referenciação: construção discursiva*. São Paulo: Ensaio apresentado por ocasião do concurso para titular em Análise do Discurso do IEL/Unicamp, 1999.

_____. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. *Introdução à linguística textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. *As tramas do texto*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

MARCUSCHI, L. A. Anáfora indireta: o barco textual e suas âncoras. In: MORATO, E. et al. (Orgs.). *Referenciação e discurso*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 53-102.

_____. *Cognição, linguagem e práticas interacionais*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

MONDADA, L. A referência como trabalho interativo: a construção da visibilidade do detalhe anatômico durante uma operação cirúrgica. In: MORATO, E. et al. (Orgs.). *Referenciação e discurso*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 11-32.

MONTEIRO, W. O mergulho. In: _____. *Visagens e Assombrações e Encantamentos da Amazônia*. 2. ed. n. 1. Ano I. Belém: Smith – Produções Gráficas, 2000a. p. 12-13.

_____. A velha Belízia. In: _____. *Visagens e Assombrações e Encantamentos da Amazônia*. 3. ed. n. 2. Ano I. Belém: Smith – Produções Gráficas, 2000b. p. 17-19.

_____. Uma mulher muito Bonita. In: _____. *Visagens e Assombrações e Encantamentos da Amazônia*. 2. ed. n. 3. Ano I. Belém: Smith – Produções Gráficas, 2000c. p. 19-20.

_____. O encantado do Rio da Pedreira. In: _____. *Visagens e Assombrações e Encantamentos da Amazônia*. 2. ed. n. 3. Ano I. Belém: Smith – Produções Gráficas, 2000c. p. 14-18.

_____. Uma namorada e dois irmãos. In: _____. *Visagens e Assombrações e Encantamentos da Amazônia*. 2. ed. n. 5. Ano II. Belém: Smith – Produções Gráficas, 2000d. p. 15-18.

MOURA, H. L. M. *Atividades de referenciação em narrativas afiliadas ao universo do lendário da Amazônia: implicações sociocognitivas e culturais*. 2013. 338 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013.

SCHWARZ, M. *Indirekte Anaphern in Texten. Studien zur domangebundenen Referenz und Kohärenz im Deutschen*. Tübingen: Niemeyer, 2000.

Recebido em: 29/08/2017

Aprovado em: 14/03/2018